

PESQUISA

Pesquisadora destaca a importância e os desafios das práticas informacionais entre travestis na Grande Vitória (ES)

Estudo da Universidade Federal do Espírito Santo analisa as práticas informacionais das travestis da Grande Vitória (ES) frente ao processo de construção da identidade de gênero

Em que medida a identidade de gênero pode influenciar nos aspectos voltados à busca, ao acesso, à apropriação, ao uso e à disseminação da informação? Historicamente alguns grupos foram negligenciados pelo acesso à informação, caracterizado por um passado associado à marginalização e equivocadamente à prostituição, como o caso da pessoa travesti, apontando a troca informacional entre si, de modo a buscar referências e representações a fim de existir e resistir.

Nesse sentido, a pesquisadora, [Marcela Aguiar da Silva Nascimento](#) em sua [pesquisa](#) “Práticas informacionais de travestis da Grande Vitória (ES)” desenvolvida junto à Universidade Federal do Espírito Santo, traz luz à discussão e questiona sobre práticas informacionais, fazendo um recorte para o estudo, o cotidiano de travestis da Grande Vitória (ES). A escolha pela região em si, dá-se como continuidade às hipóteses levantadas na pesquisa realizada no ano de 2018 sobre o

comportamento informacional de três travestis multiplicadoras da Organização não governamental Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade (GOLD).

A coleta de dados ocorreu na forma de entrevista, contando com a participação de oito travestis, via on-line. A técnica eleita para a seleção das participantes foi a técnica snowball, em que o participante intitulado como semente, é solicitado a recrutar outros membros que integram a mesma população de interesse da pesquisa, indicando, assim, novos participantes sucessivamente até que se alcance o objetivo do pesquisador. Essa metodologia é comum em estudos relacionados a comunidades marginalizadas, de modo que grande parte dos sujeitos é abordada por seus próprios semelhantes.

“Nos desdobramentos das construções das identidades sexuais e das identidades de gênero no Brasil, as travestis vinculam-se à ótica de subversão dos papéis sociais

PESQUISA

homem/mulher e heterossexuais, cisgêneros e padrões pré-estabelecidos pelos dispositivos normativos de poder. Tal normatização parte do sistema sexo/gênero engendrado pela tendência essencialista e biologizante de ser e estar no mundo, a qual fundamenta quem são as mulheres e os homens “verdadeiros” e pune quaisquer sexualidades/identidades fora do eixo binário de gênero”, pontua Marcela Aguiar.

Dentro do campo histórico e social, a identidade travesti insere-se como uma das principais intervenções na estrutura binária de gênero, à medida que a apresentação dessa identidade parte primeiramente da subversão do corpo designado socialmente como masculino ao encontro dos aspectos linguísticos, estéticos, comportamentais e políticos da feminilidade. Desse modo, há quebra da expectativa do modelo estabelecido cultural e socialmente como masculino, dando espaço a um novo corpo, esse agora feminilizado. A elaboração do processo de existir das travestis parte do (re)criar uma identidade social com a manipulação física do corpo e (re)construção do modelo hegemônico de masculinidade/feminilidade.

Para a pesquisa, considerou-se o contexto histórico-social, apoiando-se em dois pontos, a infância-travesti e a

aceitação social. Verificou-se a partir dos relatos que, desde a infância, as travestis relacionam-se com a feminilidade, seja no uso das vestimentas da irmã ou no pentear os cabelos da boneca. A autora salienta que vivências, experimentos e usufruir de atributos direcionados culturalmente ao universo feminino cisgênero estabeleceu, desde o período infantojuvenil, o descumprimento das regras tradicionais atribuídas ao ser homem e mulher na sociedade ocidental. Comprova-se também na infância a violência transfóbica instalada no cotidiano das travestis. Sendo o ambiente doméstico um território que reafirma os papéis de gênero normativos, de modo que ser e estar em casa implica diretamente no seu não desenvolvimento identitário.

“Motivadas pela ansiedade de reconstrução do corpo, culturalmente instituído como masculino para um corpo inteiramente feminino, as travestis consideram a remodelação do corpo parte constituinte de suas maiores necessidades de informação. Tais necessidades são desencadeadas socialmente por meio da interação com o meio cultural, à medida que se busca, cognitiva e materialmente, modelar o corpo em todas as suas dimensões para corresponder à expressão feminina. O uso sintético dos hormônios femininos aparece como a principal necessidade

PESQUISA

de informação dessa população, caracterizando-se como o princípio de bem-estar identitário, autoestima e aperfeiçoamento do corpo/mente”, segundo a autora.

Partindo dessa reflexão, a pesquisadora aponta, as modificações e reconstruções da feminilidade a partir da transformação do corpo das travestis abrangendo práticas sociais discursivas, linguísticas e representacionais, as quais se encontram com os processos de busca, acesso, apropriação, uso, troca e disseminação da informação no contexto sociocultural dessa comunidade. Reiterando, assim, a concepção de que toda prática informacional é uma prática social. Portanto, pode-se afirmar que todas as práticas culturais, sociais e políticas revelam práticas informacionais.

Marcela Aguiar aponta ainda que, além da transformação corporal, as travestis necessitam de informações direcionadas à segurança física e mental, ao direito de exercer a cidadania plena e à preservação de suas vidas. O compromisso com a busca de informação concentra-se sobre a transição de gênero e a travestilidade, e o declínio da busca por profissionais da área da saúde sobre hormonioterapia. As entrevistadas apontam como sua principal fonte de busca e referência outras travestis, compartilhando

identidade, performance, corpo, feminilidade, sobrevivência e empoderamento. Esse elo informacional, segundo suas experiências, coloca-se mais seguro visto aos conteúdos encontrados na internet que partem, em sua maioria, violentos ou estereotipados, impossibilitando a informação e a garantia de veracidade. As participantes concordaram, desse modo, que há dificuldade no encontro de documentos e materiais qualificados sobre identidade e gênero.

“Observa-se que o contexto das travestis é atravessado por intersecções de raça/etnia, classe, escolaridade, território e faixa etária, que influenciam em todo o processo das práticas informacionais. Esse percurso informativo ocorre por meio da interação social com o meio e com o outro, modelando as experiências travestis, os discursos, as formações identitárias e seus florescimentos”, aponta a autora.

Para concluir, Marcela Aguiar verifica que há uma pequena produção e pesquisa de conteúdo sobre gênero, identidade e travestilidade. Quando encontrado, fundamenta-se exclusivamente sob os aspectos da prostituição, atribuindo à travestilidade o estigma da história única, sempre voltada aos âmbitos das batalhas nas avenidas, à sexualização do corpo e aos

PESQUISA

homicídios. Além disso, pontua a necessidade de produzir pesquisa na qual incentive o desenvolvimento de debates coerentes ao contexto sócio-histórico das travestis, visualizando as influências internas e externas de seus cotidianos no processo de busca, acesso, apropriação, uso e disseminação de informações sobre esta identidade de gênero.

Acesse a dissertação em:

NASCIMENTO, Marcela Aguiar da Silva.
Práticas informacionais de travestis da Grande Vitória (ES). 2021. 121 f.
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Sergipe, Vitória, 2021. Disponível em:
<https://cienciadainformacao.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGCI/detalhes-da-tese?id=15234> . Acesso em: 31 de maio de 2024.

Redação: Tânia Vieira Rangel

Revisão: Pedro Ivo Silveira Andretta

Diagramação: Ana Júlia Pereira de Souza e Jônatas Silva dos Santos